

FOTOS AFFONSO DALUA

EDIÇÃO ESPECIAL 150

# MARÉ

## DE NOTÍCIAS

### QUAL A CARA DA JUVENTUDE MAREENSE?

PÁGINAS 13, 14 E 15

FOTOS AFFONSO DALUA



#### NOSSO NOME TEM HISTÓRIA

Saiba como estão os três moradores que deram nome a um dos maiores jornais comunitários do Brasil.

PÁGINAS 3, 4 E 5

FOTOS GABI LINO



#### O SONHO DOS NOSSOS ANCESTRAIS

As possibilidades de construir comunidades de afeto, respeito e cuidado nas fotos de Gabi Lino e Gabriel Moth.

PÁGINAS 11 E 12



# Relembrar para seguir em frente

## EDITORIAL

### Um olhar adiante

ELIANA SOUZA SILVA



Eliana Souza Silva é fundadora e diretora da Redes da Maré, curadora e organizadora do Festival Mulheres do Mundo WOW Rio. Doutora Honoris Causa pela Queen Mary University of London e doutora em serviço social pela PUC/Rio. A partir de sua atuação na Maré, tem ocupado diferentes espaços com o objetivo de elevar os índices de qualidade de vida das favelas e periferias.

Não temos como pensar as mudanças que queremos ver acontecer no conjunto de favelas da Maré, no âmbito dos direitos humanos, sem priorizar a dimensão da comunicação como um ato político. Nessa perspectiva, a existência de um jornal comunitário como o Maré de Notícias é um diferencial quando se fala em disputar narrativas, quando o que temos hoje são visões preconceituosas e negativas, habitualmente expressas quando se trata de falar dos moradores de favelas e seus modos de vida.

Sendo um dos caminhos de diálogo e troca com a população, o Maré de Notícias é um veículo que ressalta a produção e as lutas empreendidas nas 16 favelas da Maré, mas não somente. Ele se materializa, ainda, como uma plataforma aberta para visibilizar as prioridades dos territórios e o percurso a ser seguido para se alcançar o que queremos ver transformado na região.

Um olhar temporal sobre as lutas e as trajetórias nessa região onde habitam 140 mil pessoas espalhadas por 47 mil domicílios nos mostra a força da mobilização local e a sua importância nas conquistas de políticas públicas. Nesse campo, contudo, não podemos deixar de reconhecer que temos, ainda, um longo caminho a percorrer na materialização de demandas para que, de fato, determinados direitos se efetivem.

O direito à segurança pública (a existir do modo que se deseja), os problemas na área ambiental (que envolve a qualidade do ar, a baixa arborização), a manutenção dos serviços de água, de esgoto sanitário e da rede pluvial, a coleta de lixo, a melhoria da educação, o enfrentamento a muitas violações de direitos, dentre outras demandas, são agendas essenciais que precisam da energia mobilizadora dos moradores da região — uma característica do modo de fazer de quem mora em territórios populares.

Não por acaso, a luta hoje se faz por muitos movimentos, sendo fundamental criar e implantar formas inovadoras de engajamento e do uso de tecnologias que possam dar conta dessa diversidade.

Nesse caminho, o Maré de Notícias é uma ferramenta essencial para se trabalhar um olhar adiante, com maior reflexão e mais crença na mudança. É a possibilidade concreta de um espaço aberto à diferença, à troca de experiências e ao anúncio de todas as agendas que precisam do nosso engajamento e compromisso.

### Lançamento da fotobiografia, primeira exposição do acervo de Marielle organizado pelo Instituto Marielle Franco

Dia 27 de julho, de 17h às 22h  
No Centro de Artes da Maré - Rua Bittencourt Sampaio, 181 - Nova Holanda

#### Programação:

DJ  
Família abre inaugurando a exposição e lançamento da fotobiografia  
Microfone aberto para poesias de 1/2min  
Voz e violão Wassa  
Apresentação Natalhã  
Apresentação Marechal  
Preta QueenB Rull  
Encerramento

Mestre de cerimônia  
Mc martina



## EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da **maré**

**MARÉ**  
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012  
Nova Holanda - Maré  
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242  
www.mareonline.com.br  
maredenoticias@gmail.com  
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré

EDITORA EXECUTIVA E  
JORNALISTA RESPONSÁVEL  
Jéssica Pires

EDITORA  
Ana Paula Lisboa

FOTOGRAFIA  
Affonso Dalua  
Douglas Lopes  
Elisângela Leite  
(RioOnWatch)  
Felipe Meireles  
Gabi Lino  
Gabriel Mothé  
Hélio Euclides

COLABORARAM NESTA  
EDIÇÃO

Andreza Paulo  
Eliana Souza Silva  
Flávia Oliveira  
Hélio Euclides (Mtb  
29919/RJ)  
Jéssica Pires  
Lucas Feitoza  
Michel Silva  
Samara Oliveira  
Teresa Santos  
Viviane Couto

REVISÃO

Julia Marinho  
PROJETO GRÁFICO  
Mórula\_Oficina de  
ideias

DIAGRAMAÇÃO  
Filipe Almeida e  
Affonso Dalua

IMPRESSÃO  
Gráfica Tribuna

TIRAGEM  
50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO  
REPRESENTAM A OPINIÃO  
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO  
DOS TEXTOS, DESDE QUE  
CITADA A FONTE.

## GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email [maredenoticias@redesdamare.org.br](mailto:maredenoticias@redesdamare.org.br) e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Apesar de...  
uma fé há de nos afiançar  
de que, mesmo estando nós  
entre rochas, não haverá pedra  
a nos entupir o caminho.

# O Maré chegou

FLÁVIA OLIVEIRA



Flávia Oliveira é jornalista, comentarista da GloboNews e da Rádio CBN, colunista do jornal O Globo, além de podcaster no *Angu de Grilo*. Nesta edição comemorativa, convidamos a repórter a revisitar seu texto, publicado na primeira edição do Maré de Notícias: *Agir localmente*.

Você pode ler o artigo escrito em 2009 acessando o QR code ao lado.



Há 149 edições, cá estava eu a divagar, em plena era da globalização, sobre a necessidade de o jornalismo mirar a vida, os hábitos, as urgências da vizinhança. Não era mais sobre pensar globalmente, mas sobre agir localmente. O Maré de Notícias, gestado no movimento social de base comunitária, nasceu marcado para se debruçar sobre esse terreiro em que 140 mil moradores se dividem em 16 comunidades.

Em um pouco mais de uma dúzia de anos (se não errei nas contas), talvez não seja possível dizer que a Maré avançou o tanto que precisava e merecia. São diárias as informações de confrontos a bala e operações policiais, que fecham escolas e postos de saúde, paralisam atividades comerciais e a vida de inúmeras famílias. Mas é certo que o jornalismo mare-

ense, a exemplo da atuação da sociedade civil, só fez melhorar. O jornal ganhou versão online e, num piscar de olhos, botou a Maré no mundo e o mundo na Maré.

Três anos atrás, na mais grave crise sanitária em um século desde a gripe espanhola, o jornal foi companhia, acesso à informação qualificada e prestação de serviços sobre o pesadelo da pandemia da covid-19. A Maré é celeiro de projetos sociais tornados (ou com potencial para se tornarem) políticas públicas, e o Maré de Notícias é parte disso. Uma evidência é o inédito modelo de distribuição de exemplares feito em parceria com o Espaço Normal, colaborando assim com uma agenda positiva sobre práticas de redução de danos e políticas de cuidado a pessoas que usam crack, álcool e outras drogas.

No sufoco e na alegria, na doença e na saúde, no luto e na luta, nenhum acontecimento passa despercebido pela equipe do Maré de Notícias. As pautas se diversificaram, em linha com temas que tanto o povo da favela quanto líderes políticos planeta afora põem na mesa. Aqui se lê sobre inovação e direitos da criança, segurança pública e empreendedorismo, alimentação saudável e sustentabilidade, música e meio ambiente, investimento público e corrida eleitoral, racismo e redes de solidariedade. Está tudo aqui.

Num exercício Sankofa — aquele em que aprendemos a olhar o passado para projetar o futuro —, este jornal pode se orgulhar do que já fez. E ousar ir além, porque já caminhou por longa estrada. E chegou.

## Nosso nome tem história

Saiba como estão os três moradores que, há 14 anos, deram nome a um dos maiores jornais comunitários do Brasil

SAMARA OLIVEIRA

A primeira edição do jornal Maré de Notícias, lançado em dezembro de 2009, deixava claro que “a construção de um jornal comunitário capaz de informar, mobilizar e nos unir em busca de soluções que transformem a realidade local” precisava da participação dos moradores.

Para isso, a página 3 anunciava o concurso cultural *Por um jornal da Maré: Diga que nome você quer!*, com o intuito de envolver os moradores na escolha do nome do veículo de comunicação que se tornaria um dos maiores jornais comunitários do Brasil.

Em uma época em que as redes sociais estavam em seu início, o processo era

100% analógico. Para participar, para qualquer morador das 16 comunidades bastava preencher uma ficha com os dados pessoais e a sugestão do nome, e depositá-la em urnas espalhadas pelo território.

Coube a uma comissão julgadora com cinco membros escolher entre os mais de 500 nomes enviados. Entre os participantes, esta-



A 3ª edição anunciou os vencedores do concurso





FELIPE MEIRELES

O vencedor Felipe Meireles, 25 anos, conta que o concurso impactou diretamente suas decisões profissionais no futuro

vam Felipe Meireles, de 11 anos; Maria Euzete, de 48 anos; e Cristiano Magalhães, de 35 anos. Sem saber, os três enviaram a mesma sugestão vencedora. Em sorteio, definiu-se que Felipe, morador da Nova Holanda, ganharia o prêmio: um computador.

Em dias de celebração, lembramos pessoas que fazem parte da nossa trajetória; nesta edição 150, fomos procurar os três personagens que, com sua criatividade e iniciativa, permitiram que o jornal ganhasse o nome que permanece até hoje.

### Prêmio para a vida

**Felipe Meireles**, hoje com 25 anos e pai de uma menina de seis anos, se define como um rapaz família e que gosta de estar com os amigos, seja no Maracanã vendo o Flamengo ou nos “pagodinhos”. Ele conta que ter ganhado o concurso impactou diretamente suas decisões no futuro.

Quando chegou a hora de escolher a profissão, o jovem optou ser técnico de informática e, em seguida, operador audiovisual: “O computador despertou uma grande vontade de permanecer sempre com um por perto durante a minha vida.”

Com a experiência que adquiriu, em 2022 Felipe conseguiu trabalhar na produção do maior reality show brasileiro, o *Big Brother Brasil*: “Tive muito orgulho de mim e tudo isso por conta de um computador que ganhei pela

Redes [da Maré]. Também já viajei para alguns lugares do Brasil, como João Pessoa, Goiânia, Salvador, Belo Horizonte e São Paulo, por causa do meu trabalho.”

### Escritora favelada

**Maria Euzete** hoje tem 62 anos e conta da emoção de ter participado do concurso: “Foi uma alegria enorme assim no meu coraçãozinho. Sei que não fui só eu que dei esse nome, mas para mim é como se o Maré de Notícias fosse um filho que cresceu. É uma honra saber que o nome Maria Euzete faz parte dessa história.”

Há três anos ela mudou-se para Xerém, em Duque de Caxias, mas conta que continua conhecendo o território como a palma de sua mão. Euzete morou no conjunto por mais de 50 anos e, apesar de ter vivido por mais tempo na Baixa do Sapateiro e no Conjunto Esperança, ela garante que já morou em todas as favelas da Maré:

“Meu pai era igual um nômade”, brinca sobre o tempo em que a família se mudava com frequência. Esse conhecimento foi bastante útil: depois do concurso, Euzete trabalhou como distribuidora do jornal por cerca de quatro anos.

Com uma memória viva e carinhosa da sua trajetória na Maré, Euzete lembra dos momentos marcantes da sua infância e adolescência no ter-

ritório, uma jornada que começou ainda na época das palafitas.

“Quando fui morar na Maré eu era uma criança, a Maré é o meu lar. Eu corria descalça por aquelas pontes finas, entre as palafitas. Caí tanto naquela Maré que, se cair na Maré matasse, eu não estava viva”, relembra, sorridente.

Casada e com três filhos, ela fala com orgulho sobre também ser escritora. Euzete chegou a participar de um concurso de poesia e, junto com outros autores, teve seus escritos publicados na antologia *Vozes*. Entre seus poemas, ela destaca *O Complexo da Maré pede socorro* e *A cara do mal*, que ela chama de “poemas atemporais”.

“Você escreve uma coisa, acha que não vai dar em nada e dá em tudo. Tive tarde de autógrafos, olha só! Uma favelada tendo tarde de autógrafos, que coisa linda!”, relembra.

### Legado

**Cristiano Magalhães** chegou à Maré em 1997 e viveu aqui tempo suficiente para guardar na memória um território que poucos conhecem. Ele morou nos alojamentos provisórios em torno do CIEP Ministro Gustavo Capanema, na Vila dos Pinheiros, construídos para abrigar os desalojados pelas fortes chuvas que caíram no Rio de Janeiro à época.



AFFONSO DALVA

Maria Euzete conta da emoção de ter participado do concurso





AFFONSO DALUA

Cristiano Magalhães contou à reportagem de onde veio a inspiração para o nome do jornal

A localidade ficou conhecida como Kinder Ovo, uma alusão ao tamanho e à precariedade do espaço, que reunia 25 famílias em cada alojamento, equipado com apenas um banheiro. Posteriormente, Cristiano morou na Baixa do Sapateiro e depois voltou para a Vila dos Pinheiros, desta vez para uma casa.

Ele viveu 13 anos no conjunto e conta com orgulho que foi um dos pintores da Vila Olímpica da Maré. Foi trabalhando lá que soube do concurso para a escolha do nome do novo jornal.

Ao inscrever sua sugestão do nome, Cristiano explicou de onde veio a inspiração: “O nome tem origem de gíria popular, tipo: teve uma Maré de Notícias hoje”. Em entrevista, ele brincou que a raiz disso seriam as fofocas que circulavam sobre a vida

dos moradores, espalhadas principalmente pelas senhoras das ruas.

“Tenho uma tia que ainda mora na Maré. Na minha época lá, percebia que ela nem saía de casa, mas mesmo assim tinha notícias da rua toda. Aí me peguei pensando nisso, nas senhoras que trazem as notícias de quem brigou, de quem foi embora, de tudo. Aí pensei, ‘isso aqui é uma maré de notícias’, aí coloquei lá na caixinha”, diz, gargalhando.

Hoje com 48 anos, morador do bairro de Brás de Pina, casado e pai de três filhos, Cristiano disse se sentir útil à sua comunidade ao ver o crescimento do Maré de Notícias e a permanência do nome. Ele revela ter planos de voltar para a Maré: “Fico muito feliz que o jornal chegou nesse patamar, agora até com site, tenho orgulho. Acabei me perpetuando na Maré, mesmo sem querer.”

# A Maré não para

## Do impacto das Olimpíadas à luta por justiça: memórias marcantes e mudanças sociais de uma década

HÉLIO EUCLIDES, TERESA SANTOS E VIVIANE COUTO

Ao olhar o relógio e os seus ponteiros a girar, é possível meditar que o tempo não para. O Maré de Notícias é um contador de histórias de pessoas que constroem a favela. E suas 150 edições, o Maré de Notícias acompanhou o que aconteceu não apenas nos territórios, como também a história se desenvolvendo no mundo, analisando e trazendo aos moradores

todas as mudanças que, de uma forma ou de outra, influenciaram nossas vidas — e como os moradores das favelas estão impactando o mundo de volta.

### Poluição persistente

Em 2012 e já dentro dos preparativos para os Jogos Olímpicos de 2016, uma obra prometia a recuperação ambiental do Canal do Fundão. Para os pescadores da Maré, ela gerou muita expectativa.

“Teve grande melhora no início, mas o projeto não foi à frente e a lama retornou, voltou tudo ao que era antes”, lembra **Marcos Firmi-**no, administrador financeiro da Colônia de Pescadores do Parque União, uma das quatro que existem hoje na Maré.

Segundo ele, “somos uma classe que sofre com a poluição, que atinge redes e hélices dos barcos. Hoje só tiramos o nosso sustento e do combustível. Nas Olím-

piadas o que se viu foi apenas ganância. É preciso investimento na baía, valorizando o turismo e a pesca”.

### Cidade vulnerável

Para o engenheiro sanitário **Alexandre Pessoa**, professor e pesquisador da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz (EP-SJV /Fiocruz), a limpeza do Canal do Fundão já apresentava um erro de origem, pois o projeto não previa a





Legado que não vingou: Jogos Olímpicos do Rio prometiam a despoluição da Baía de Guanabara, mas projeto não foi à frente

dragagem do Canal do Cunha.

Na prática, a remoção de sedimentos foi feita apenas em trechos do Canal do Fundão e não em sua extensão total: “Não foi uma obra para diminuir as inundações nas comunidades, o que eu considero um grave equívoco”, diz o especialista.

Para o engenheiro, “a cidade do Rio de Janeiro pode ser considerada vulnerável porque nunca foi minimamente preparada para as chuvas fortes. E, agora, a questão se intensificou, sendo ainda mais dramática nas favelas mais baixas, como Maré e Manguinhos”.

### Atletismo local

Enquanto pensávamos no saneamento público, em 2013 a Jornada Mundial da Juventude prometia agitar o Rio de Janeiro, trazendo jovens de todos os lugares do mundo para um grande evento religioso — e a Maré não ficou de fora.

“A Vila do João acolheu peregrinos de outros estados, que não hesitaram em vir para Maré. Eles perceberam que somos potência, temos criatividade e resiliência, que podemos ocupar qualquer espaço, onde quisermos, com seus desafios e superações”, diz a jornalista **Priscila Xavier**, entrevistada na primeira edição do Maré de Notícias. À época, Priscila era carateca e tinha o sonho de participar dos Jogos

Olímpicos do Rio de Janeiro.

Em 2009, o Maré de Notícias já acompanhava os atletas locais. Além de Priscila Xavier, o nadador **Vinicius Pereira**, que tinha 14 anos na época e era atleta amador, relatava as suas expectativas de como o evento poderia enfim mudar a sua vida.

Ele não chegou a participar das Olimpíadas, mas continuou na natação. “Consegui uma bolsa integral em uma faculdade e concluí o curso de educação física. Fui aluno e atleta da Vila Olímpica Municipal Seu Amaro e sigo como professor. Pretendo no futuro cursar a licenciatura para ingressar numa escola municipal”, diz.

### Violência

Em 2013, os moradores vivenciaram momentos de terror com uma operação do Batalhão de Operações Especiais (Bope), uma chacina na qual dez pessoas foram mortas — um episódio que deu visibilidade à violência nas favelas do Rio.

Historiador e professor, ex-diretor da Redes da Maré **Edson Diniz** acredita que os eventos trouxeram mudanças significativas.

“O massacre que ocorreu em 2013 na Nova Holanda foi algo terrível, mas mobilizou todos para um ato pacífico na Avenida Brasil que foi capa de todos os jornais no dia seguinte,

fazendo a sociedade criar formas de enfrentamento à violência”, lembra.

A ocupação militar dos territórios em 2015 assustou até os especialistas em segurança pública, gerando um período de medo, incertezas e enfrentamento armado quase que diário que acabou com a saúde física e mental de muita gente.

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2017, a área onde vivem cerca de 130 mil pessoas recebeu mais de 23 mil militares enviados de diversas regiões do país ao longo de 15 meses. O contingente era constantemente renovado, e o efetivo variou entre dois mil e três mil soldados, ocupando a favela em caráter contínuo e permanente.

Essa operação das forças armadas na Maré custou aos cofres públicos mais de R\$ 1,5 milhão ao dia — verba que, para Edson, poderia ter sido melhor aplicada.

Ele acredita que “esse dinheiro poderia ter sido investido em saúde e educação. Não ficou legado nenhum dessa operação; militarizaram a rotina da população e não melhoraram a vida de ninguém”.

### Luta pela educação

O ano de 2016 foi importante para a educação na Maré: o conjunto ganhou dois campi educacionais com 16 unidades, dentre espaços de desenvolvimento infantil e escolas de Ensino Fundamental.



Em 2009, Vinicius contou ao jornal seu sonho com o esporte. Hoje é professor de natação



Mas para **Edvaldo Lourenço**, morador da Vila dos Pinheiros, a criação dos campi não foi uma solução para os problemas da educação nos territórios: “Apesar do aumento do número de escolas, a educação piorou. Não há vagas para os alunos das creches e do segundo segmento do Ensino Fundamental”, reclama.

AFFONSO DALUA



Pescadores sofrem com a poluição, que atinge redes e hélices dos barcos. Hoje resistem apenas quatro colônias na Maré

### Marielle, presente!

O ano de 2016 também trouxe vitórias. Em sua primeira disputa eleitoral, Marielle Franco, cria da Maré, foi eleita vereadora na capital fluminense, a quinta mais votada. Foram dois anos de um mandato combativo, marcado pela mobilização popular e luta pela garantia dos direitos humanos.

Sua trajetória foi interrompida em 2018, quando Marielle foi assassinada na noite do dia 14 de março. Até hoje, sua família, os moradores da Maré, organizações e instituições do Brasil e do exterior lutam para que os culpados e os mandantes do crime sejam identificados e punidos.

Entretanto, Marielle está presente em muitas lutas e ações que surgiram a partir

do seu trabalho e luta. **Jonathan Peixoto**, educador social e morador da Nova Holanda, lembra com carinho da trajetória de Marielle Franco.

Ele recorda como “Marielle representava a esperança da juventude para colocar as favelas dentro do debate. Por ela, surgem as sementes, mulheres engajadas na luta. Também temos a vitória do governo Lula, mas do outro lado, há um governo estadual com uma política de extermínio da população preta e pobre”.

### Pandemia na Maré

O ano de 2020 começou com o surgimento do coronavírus, que parou o mundo. Mesmo em escalas diferentes, os impactos do isolamento social atingiram toda a população da Maré e foi preciso criar ações para enfrentar esses desafios. Por meio da campanha Maré diz NÃO ao coronavírus, foram garantidas cestas básicas para quase 70 mil pessoas.

Para além do sofrimento e das incertezas, a pandemia da covid-19 trouxe também trabalho, solidariedade e criatividade.

As ações do projeto Conexão Saúde: De olho na covid-19 levaram a uma redução de 46% na taxa de mortalidade semanal pela doença e um aumento de 23% nas notificações de casos de covid-19.

O projeto foi fruto de uma parceria entre Redes da Maré, Conselho Comunitário de Manguinhos, Dados do Bem, SAS Brasil, Fiocruz

e União Rio. As ações foram desenvolvidas entre o segundo semestre de 2020 e o primeiro semestre de 2021, e os resultados alcançados, consolidados em um estudo divulgado em 2023 no BMJ Global Health.

O médico **Fernando Bozza**, pesquisador do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas da Fundação Oswaldo Cruz (INI/Fiocruz) foi coordenador da pesquisa. Para ele, o sucesso da iniciativa foi fruto de uma intervenção de base comunitária.

“O Conexão Saúde é, de alguma maneira, uma inovação do ponto de vista organizacional de como a academia, a sociedade civil organizada, o poder público e os incentivadores privados podem trabalhar juntos”, diz o médico da Fiocruz.



HÉLIO EUCLIDES

Marcos Firmino é administrador financeiro da Colônia de Pescadores do Parque União



# Respeite quem pôde chegar

## Ampliando vozes e transformando narrativas

### O papel dos jornais comunitários na Rocinha e na Maré na luta contra estereótipos e desigualdades

MICHEL SILVA



Michel Silva é jornalista pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio) e acredita que a comunicação local é uma poderosa ferramenta de transformação social.

[www.falaroca.com](http://www.falaroca.com)

Os jornais impressos e digitais de favelas do Rio de Janeiro herdaram as pautas de outras mídias comunitárias que existiram nas décadas de 1980 e 1990. A pauta é como um guia que nos ajuda, como jornalistas, a decidir quais notícias ou histórias devem ser contadas.

Cresci vendo minha favela sendo mostrada pelas mídias tradicionais como um lugar violento, em que as pessoas não tinham perspectivas de vida e nem direitos básicos, como saneamento. Apesar das notícias, eu como morador sempre soube que a Rocinha era lugar de coisas boas e ótimas histórias, que mereciam ser mostradas e contadas. São dessas dores geradas pela desigualdade e falta de visibilidade que nascem os jornalistas de favelas, e foi assim que eu e outros jovens fundamos o jornal *Fala Roça* em 2013.

O papel do jornalismo comunitário é ampliar vozes e dar visibilidade a questões que afetam a vida dos moradores da localidade. No *Fala Roça*, chamamos de jornalismo de favela, para reafirmar a importância histórica desses territórios; muitas vezes, nosso papel é contrapor as narrati-

vas das mídias hegemônicas.

O Maré de Notícias e o *Fala Roça* fornecem informações relevantes todos os dias sobre infraestrutura, acesso a serviços básicos, questões de segurança, atividades culturais e eventos comunitários. São assuntos que nem sempre ganham a atenção da chamada grande imprensa. E quando acontece, muitas vezes é porque a pauta partiu de nós.

Fazemos jornalismo há dez anos na Rocinha e perdemos as contas de quantas reportagens escrevemos sobre injustiças e desigualdades. O lixo, por exemplo, é um assunto recorrente por aqui e por aí também. Em vez de só culpar o morador, produzimos reportagens contextualizadas, apontando responsáveis e cobrando de quem deve tomar as devidas providências.

O jornalismo de favela também é um aliado no fortale-

cimento comunitário porque cria um senso de coesão, traz informações para as reuniões das associações e compartilha histórias de moradores e seus projetos sociais. No início da pandemia de covid-19, o *Fala Roça* não só combateu à disseminação de notícias falsas, como também doou milhares de cestas básicas.

A gente mora, vive, sente a favela todos os dias. O jornalismo é aliado da favela quando bem utilizado. Parafraseando o pesquisador Marco Morel, no livro *Jornalismo Popular nas Favelas Cariocas*, “engana-se quem pensa que por trás dessas folhas de jornal estão apenas uma imitação barata da mídia tradicional. Nesses jornais de favelas estão a História do Povo”.

Que venham mais edições dos jornais mais queridos da Maré e da Rocinha!

## Um trabalho de 150 edições

Essa é a busca por um jornalismo ético, mobilizador e que ajuda a gerar mudanças para o território

JÉSSICA PIRES E LUCAS FEITOZA

Quando o Maré de Notícias foi imaginado, havia um objetivo principal e inegociável: disputar com os veículos da chamada grande mídia a narrativa que produzia pautas baseadas em estigmas, racismo, marginalização dos

moradores e na representação dos territórios apenas com o olhar da ausência e do negativo. Esse olhar não contribui para a resolução dos desafios presentes nesses espaços e, desde então, são 150 edições lutando para mostrar o outro lado dessas histórias.

DOUGLAS LOPES



A atenção dos jornalistas é voltada para como a Maré pode e deve ser representada



É preciso lembrar que o passado não acabou, nem é um tempo vazio, pois preenchido pela vida daqueles que vieram antes de nós. Os antigos perguntam: mas do que vale a sabedoria, de que me vale a experiência, se tudo voar ao vento, se tudo esvaziar no nada? De quem me valem os meus pés, que abriram tantas veredas, se nas estradas não pisarem novos pés, e novos sonhos não inaugurarem novas caminhadas?

O Maré de Notícias entende a comunicação comunitária como um instrumento fundamental de visibilização e fortalecimento de memórias e identidades. Também temos um papel importante apresentando denúncias e serviços à população. Além da ética jornalística, acreditamos na importância de um olhar “de dentro” para construir essas narrativas.

A equipe de jornalistas e comunicadores, formada em sua maioria por moradores da Maré, desde 2009 tem produzido essas páginas, e está sempre atenta a como a Maré pode e deve ser representada.

Dois elementos fundamentais na produção do jornalismo do Maré de Notícias são a mobilização e a incidência. A mobilização nos guia a pensar como envolver os moradores e parceiros territoriais na produção e distribuição das notícias; a incidência, em como a partir das reportagens produzidas é possível buscar soluções e pressionar para que elas surjam e se concretizem.

Nessas 150 edições,



Mobilização envolve parceiros e moradores na produção e distribuição das notícias

muitas histórias foram contadas e transformações foram percebidas no território. Nesta matéria, contaremos algumas delas.

### Segurança pública

As primeiras edições do Maré de Notícias evidenciavam o interesse das pessoas pela pauta, com base em pesquisa realizada entre os moradores. Na edição 6,

o texto *Segurança pública* deve garantir a vida abordava o direito à vida a partir da notícia sobre um confronto que deixou seis mortos. A reportagem falava especialmente sobre a truculência da operação policial e lembrava outros casos com vítimas fatais — a maioria, crianças.

Diferentemente da grande mídia, o Maré de Notícias evidencia o impacto da segurança pública em geral e das operações policiais na vida dos moradores em particular, assim como maneiras seguras de fazer denúncias e assegurar direitos.

O jornal vem acompanhando e dando visibilidade ao descumprimento de ações que tratam da segurança pública nos territórios, levadas adiante por organizações da sociedade civil como a Ação Civil Pública da Maré (ACP) e a Arguição de Descumprimento de Prin-

cípio Fundamental (ADPF) 635, ou ADPF das Favelas, pensada a partir da ACP.

Momentos históricos e muito simbólicos foram a Marcha Contra a Violência na Maré e a mobilização para a redação de cartas pelos moradores, posteriormente encaminhadas ao Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ).

### Saúde

O direito ao saneamento básico sempre foi uma luta constante na Maré, desde os primeiros moradores. Garantir a saúde das pessoas começa por uma rede de saneamento eficiente e com o simples acesso à água potável. E este e outros temas têm sido temas recorrentes no jornal. Uma ferramenta importante para essa luta, a ACP do Saneamento Básico, foi pauta da edição 147 com a reportagem *O preço do saneamento básico*.

O Maré de Notícias foi uma ferramenta importante durante a pandemia do coronavírus para que os moradores, sobretudo aqueles que ainda têm dificuldades de acesso à internet, pudessem ter informações sobre formas de prevenção, auxílio emergencial, campanhas para amenizar a insegurança alimentar e a campanha de vacinação.

Muitas informações da campanha *Maré Diz NÃO ao coronavírus* e do *Vacina Maré* foram veiculadas no Maré de Notícias. A edição 127, que exibiu a manchete *Maré vacinada*, é um marco desse período.

Em 2022, publicamos a série de reportagens *Raio-*



São 150 edições na luta para gerar fortalecimento de memórias e identidades

GABI LINO

DOUGLAS LOPES





GABI LINO

O jornal nasceu do desejo de disputar a narrativa produzida pela grande mídia e informar os moradores

X da Saúde na Maré, que investigou o acesso dos moradores aos equipamentos no território, além de matérias tratando de temas como a saúde mental nas favelas, o racismo no atendimento médico e a violência obstétrica.

### Potência do território

Desde a primeira edição, contamos com uma importante rede parceira: as associações de moradores das 16 favelas. Elas já foram nosso principal ponto de distribuição, e atualmente apoiam nossos distribuidores para que os exemplares cheguem aos moradores. Essa relação é uma das heranças da metodologia de trabalho da Redes da Maré, que reconhece a importância da ação das associações no território.

Nestas 150 edições, aconteceram muitas mudanças no território; algumas chamam atenção para outros elementos que compõem a nossa região.

Uma delas é a transformação da Rua Ivanildo Alves. Conhecida como “divisa” na Baixa do Sapateiro, esse território marcado pela memória da violência hoje é uma área de lazer e brincadeiras, graças à criação da Praça da Paz.

A construção do Memorial de Vítimas da Violência foi outro marco pautado pelo Maré de Notícias.

A edição 130 trouxe a matéria *Eu amo a minha rua*, em que destacamos como o reconhecimento do nome das

ruas pelo poder público pode aumentar a autoestima dos moradores.

As passarelas e as travessias inseguras na Avenida Brasil vêm sendo uma cobrança nas páginas deste jornal há mais de dez anos. As edições 16 e 27 destacaram a precariedade das passarelas da Fiocruz e do Piscinão de Ramos. Na edição 28, trouxemos a matéria *Travessia por um fio*, problema que ocupou novamente as páginas da edição 140, no texto *Insegurança constante*.

Só em abril de 2023 as duas passarelas foram finalmente reformadas.

### Educação de qualidade

A Redes da Maré nasceu da demanda por educação no território; por isso, o tema faz parte da gênese do Maré de Notícias, sendo constantemente alimentado por pautas pela ampliação da escolarização. Importantes conquistas foram destaque, como o aumento do Campus Maré e a chegada de novas unidades escolares ao território.

Todos os anos, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é tema de extensas pautas; entre as matérias da edição 115, destaque para *Sem condição não tem graduação*, que tratava da dificuldade de os alunos estudarem para o exame nacional durante a pandemia.

Ações das próprias escolas, que mobilizam pais e alunos para garantir a melhoria do espaço físico das escolas, sempre são pautadas. O Maré de Notícias também foi um canal importante para fortalecimento das campanhas de apoio à matrícula escolar e à mobilização para a construção de um Fórum Educacional na Maré.

### Cultura e favela

O Maré de Notícias está sempre atento às produções, aos novos artistas e às expressões culturais das 16 favelas. Divulgamos e promovemos a agenda cultural do território e de seus principais grupos, como a Cia Marginal, Cia Cria do Beco, a Cia de Dança Lia Rodrigues e o grupo Mulheres ao Vento, entre outros.

A agenda dos espaços culturais, como a Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, o Centro de Artes da Maré, o Galpão Bela Maré, o Pontilhão e o Museu da Maré, sempre marcou presença entre as pautas do jornal.

Divulgar a programação do cenário artístico mareense nos ajudou a também falar de temas como acessibilidade, racismo, machismo e outros tipos de opressão também presentes na cultura. É o caso da edição especial 71, de novembro de 2016, inteiramente dedicada à cultura afro-brasileira.

*Funk: O som da favela* foi uma das matérias da primeira edição desse jornal e, ao longo do tempo, o ritmo esteve presente em diversos números do Maré de Notícias, como *Funk: Som de preto, de favelado e criminalizado*, na edição 115; *Funk conquista o mundo, mas ainda quer mais*, na edição 131; e *A importância do funk na cultura e economia periférica*, na edição 148.

Ainda há um longo caminho a percorrer, cheio de desafios a enfrentar, mas é notório o maior conhecimento que os moradores da Maré têm sobre seus direitos, construído através das narrativas contadas por eles. Como nestes anos de trabalho, continuaremos a falar mais alto para fortalecer, através das páginas do Maré de Notícias, ainda mais a nossa comunidade.



# Quem veio antes

Cuidar de quem cuida. Cuidar do tempo, do espaço da casa, da terra, da floresta, do ser. Cuidar da parede de tijolos, da casca da árvore, da folha da planta. Cuidar do corpo, do orí até a ponta do pé. Nesta edição comemorativa, era importante saudar quem veio antes, quem cuida do corpo que não é físico, quem constrói aquilo que não se pode ser com os olhos. É impossível criar o futuro sem olhar e aprender com o passado.

As imagens são dos fotógrafos **Gabi Lino** e **Gabriel Mothé**. Ela é cria da Maré, e acredita no uso da fotografia como ferramenta de combate ao estereótipo e à criminalização da favela. Ele é fotógrafo de gente e de suas relações com o mundo, cria de Porto das Caixas, em Itaboraí.

Ambos encontraram no ilê (casa) a certeza de que ninguém está sozinho. Não importa a sua fé e a sua crença: é possível construir comunidades de afeto, respeito e cuidado.



Gabi Lino



Gabriel Mothé





# O sonho dos nossos ancestrais





Proteja os seus sonhos, como matérias prima de suas vidas,  
Façam do sonho raízes plenas de tentáculos em tempo de plantio.  
Em que um sonho, anelando ao outro, ao outro e ao outro, coletivamente  
afirmem que os dias de bonanças são possíveis.  
Apesar de tudo.

# A cara da juventude da Maré

## Ela mostra o poder da diversidade, da resiliência e da transformação ante os desafios

FOTOS E ARTES: AFFONSO DALUA



### ANDREZZA PAULO

Segundo o Censo Maré (2013), este é um território jovem e negro. Dos moradores das 16 favelas, 62,1% se declaram pretos ou pardos e 51,9% têm menos de 30 anos. Muitos deste grupo preto e jovem se envolvem em iniciativas locais e integram organizações e movimentos que trabalham para promover o desenvolvimento, a igualdade e a justiça social na Maré em diferentes frentes como educação, meio ambiente, direitos LGBTQIAP+, segurança pública, arte e cultura. São uma parcela que tem contribuído na construção de mudanças positivas em suas vidas e nas 16 favelas do conjunto, mesmo diante de dificuldades.

Qual a cara da juventude da Maré? É a da pluralidade. Encontramos acadêmicos, ativistas, funkeiros, pessoas do movimento LGBTQIAP+, artistas e outras tantas formas de ser e estar no mundo. O que podemos afirmar é que a juventude da Maré é forte, provocativa, viva, cada vez mais engajada e decidida a não aceitar menos do que merecem.

### Pela educação

A pesquisa divulgada em abril deste ano pelo Índice de Progresso Social (IPS), realizada pelo Instituto Pereira Passos (IPP), revelou que apenas 7% dos jovens da Maré frequentam a universidade.

A Maré tem 49 escolas,

mas apenas duas de ensino médio. Embora o acesso limitado a equipamentos e professores qualificados seja um dos maiores desafios da educação nas favelas, a frequente interrupção das aulas por operações policiais é outro fator que precisa ser considerado.



**Vitor Felix** é professor e doutorando em literatura hispano-americana na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele conta que sua trajetória foi influenciada pela história da sua família e de outras pessoas que precisaram deixar a escola para trabalhar.

“Ocupar os espaços universitários é fundamental,

mas acho que esses espaços ainda não estão preparados para nossa presença, para os desafios que todo favelado leva para a universidade. É necessário que a favela chegue à universidade e diga quais as nossas necessidades, nossas lutas, porque o mundo universitário ainda é muito cego a tudo que vivemos e o que precisamos superar para nos manter lá, estudando”, diz.







AFFONSO DALLUA

LGBTQIAP+ moradora de favelas; o Entidade Maré, que tem suas ações concentradas no ativismo e na produção cultural; e a Casa Resistências, que atua na luta pela garantia dos direitos e construção de políticas públicas para mulheres LBT da Maré.



**Camila Felipe** coordena a Casa Resistências LBT e, para ela, a juventude mareense está reivindicando e disputando a apropriação dos espaços e promovendo acolhimento para os seus: “Cresci em um ambiente onde não conseguia e nem podia ser eu mesma. Na Casa Resistências, queremos que a pessoa se sinta em um ambiente acolhedor.”

Camila ressalta ainda o poder da juventude neste processo de transformação social. Segundo ela, “os jovens já não aceitam mais ficar restritos a lugares nos quais não são bem-vindos ou que não possam se sentir bem. Vejo a juventude da Maré como um grupo muito potente”.

Camila ressalta ainda o poder da juventude neste processo de transformação social. Segundo ela, “os jovens já não aceitam mais ficar restritos a lugares nos quais não são bem-vindos ou que não possam se sentir bem. Vejo a juventude da Maré como um grupo muito potente”.

Juventude da Maré contribui na construção de mudanças em suas vidas e nas 16 favelas do conjunto



**Tiago Carlos** é professor de biologia e se debruça sobre o tema do racismo ambiental. Para ele, a Maré tem potencial transformador, mas a educação em relação ao meio ambiente e às mudanças climáticas no território é defasada.

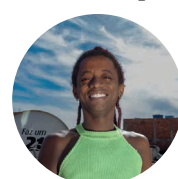
Tiago diz que aprende dentro do território, se instrumentaliza no ambiente acadêmico e retorna esse conhecimento

para a favela: “Trabalho com jovens e muitos não entendem sobre horta, sobre o ambiente que a gente mora. Mas ainda assim, vejo neles um engajamento muito mais intenso que antes.”

### Corpos livres

Na Maré, há diversos grupos dedicados à luta por direitos que abarcam sexualidade e gênero. Destacamos o Conexão G, organização com foco em direitos humanos e da promoção da saúde da população

### Múltiplos perfis



**Milu Almeida** é artista do espetáculo Noite das Estrelas e sabe bem o que seu corpo representa: “Cada vez mais vejo os corpos LGBTQIAP+ se desenvolvendo mais rapidamente, isso é ótimo. Imagina com oito anos você saber e se reconhecer com uma

criança via-





da ou uma criança trans, é lindo! Hoje compreendo o quanto a juventude é importante para a visibilidade LGBTQIAP+, porque é a partir das trocas com os colegas e amigos que vamos mostrando a possibilidade de futuro transgressor.”



**Luiz Menezes** é estudante de ciências sociais da UFRJ e foi eleito

conselheiro municipal da juventude do Rio de Janeiro em 2022, com o maior número de votos. O jovem é cria da Nova Holanda, e tem reivindicado neste espaço políticas públicas para a juventude negra, pobre e favelada.

“Penso a favela como território que remonta um saber ancestral e de resistência dos povos negros; é o que se tem de mais legítimo no Brasil”, diz.

Luiz também fala que a juventude não deve ser tratada com um

co perfil: “Sou um jovem, negro, gay e favelado dentro da universidade, do conselho municipal e de tantos outros espaços de poder. A juventude não se dá de maneira universal. Pensar essa diversidade perpassa compreender dinâmicas de gênero, sexualidade, raça, classe, território e muitos outros atravessamentos. Por isso, as juventudes são protagonistas na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.”

**Arte e identidade**



**Suellen Melo**

é produtora cultural, fotógrafa, roteirista e diretora. Ela percebe a produção de imagens feitas na favela como uma disputa de narrativas.

“Isso é algo que me atrai no audiovisual e tantas outras artes feitas na periferia. Comecei a estudar como poderia fazer filmes e acabei fazendo dois, ambos

autobiográficos, através do Museu da Maré, o *Neguinha do Morro do Timbau* e o *Independência*. Hoje compreendo que não preciso me envergonhar de quem sou, nem do que fiz pra chegar até aqui”, confessa.



Já **Stacy Ferreira**

produz manifestos culturais através dos versos. A jovem apresentou seu texto sobre a segurança pública na Maré para o presidente Luís Inácio Lula da Silva em março deste ano.

Segundo ela, a poesia falada permite elevar a voz de pessoas silenciadas: “A poesia nos possibilita manifestar em forma de arte a nossa resistência contra os ataques que enfrentamos na nossa casa. E eu vejo que hoje, os jovens da Maré estão servindo como canais de influência, mostrando a diversidade que a nossa favela tem”, explica.

**Base primordial**

Na música, há jovens que criam, espalham e multiplicam aquela que é, atualmente, uma das maiores potências da cultura favelada: o funk. Esse é o caso do **DJ Renan Valle**, que aconselha a juventude a seguir seus sonhos, mesmo diante das dificuldades.



Negro retinto, Renan representa o jovem que, diariamente, é o que mais corre riscos de ter a vida ceifada pela violência e letalidade policial nas favelas. O DJ é enfático quando o assunto é os jovens da Maré:

“Eu quero que eles vejam que são a base e podem, sim, mudar o mundo. Os ancestrais que ocuparam este território deixaram sementes, que são esses jovens. Eu também quero deixar a minha semente através do funk e mostrar para eles que existem outras formas de viver”, conclui.





# Conceição Evaristo



Os versos da escritora **Conceição Evaristo** escritos no cabeçalho desta edição fazem parte da música *Proteja*. Ouça a música e o álbum *Proteja os Seus Sonhos* (Projeto POSS/Som Livre) no QR code abaixo.



**Confira os destaques no site do Maré de Notícias**  
(<https://mareonline.com.br>)

## A Maré no ambiente virtual da inovação

Evento Mc Metaverso Brasil propõe a viagem pela tecnologia.

Para ler acesse <https://bit.ly/3O3lt9x> ou escaneie o QRCode ao lado.



## Organizações da Maré participam do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

A 17ª edição do Encontro Anual do Fórum Brasileiro de Segurança Pública foi realizada nos dias 20, 21 e 22 de junho, em Belém, no Pará.

Para ler acesse <https://bit.ly/3PI5PCM> ou escaneie o QRCode ao lado.



## Bares LGBTQIA+ para celebrar a diversidade

Em 28/06 foi celebrado o mês do orgulho LGBTQIA+. A data serve para lembrar das lutas, dos motivos para se orgulhar e também de celebrar a vida e a diversidade.

Para ler acesse <https://bit.ly/43blqg8> ou escaneie o QRCode ao lado.



## PICOLÉ

[www.coquetel.com.br](http://www.coquetel.com.br)

© Revistas COQUETEL

### Sudoku

Escreva os números de 1 a 6 nos espaços em branco, obedecendo às regras abaixo:

6	4	3	5	1	2
5	2	1	4	6	3
4	3	6	2	5	1
2	1	5	3	4	6
3	6	4	1	2	5
1	5	2	6	3	4

6	4	3	5	1	2
5	2	1	4	6	3
4	3	6	2	5	1
2	1	5	3	4	6
3	6	4	1	2	5
1	5	2	6	3	4

6	4	3	5	1	2
5	2	1	4	6	3
4	3	6	2	5	1
2	1	5	3	4	6
3	6	4	1	2	5
1	5	2	6	3	4

1. Cada número só pode aparecer uma vez na linha.

2. Na coluna, todos os números de 1 a 6 devem aparecer.

3. Cada número só pode aparecer uma vez nos quadradinhos 3x2.

### SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA



#FaçaCoquetel [f/editoracoquetel](https://www.facebook.com/editoracoquetel) [@coquetel](https://www.instagram.com/coquetel)

ASSINE AGORA!  
[www.coquetel.com.br](http://www.coquetel.com.br)



### Solução

5	2	9	5	1	4
3	1	4	5	6	2
2	4	1	6	5	3
6	3	5	4	2	1
4	2	6	1	3	5
1	5	3	2	4	6
2	5	3	6	1	4
6	4	1	2	5	3
5	3	4	1	2	6
1	6	2	3	4	5
4	2	6	5	3	1
3	1	5	4	6	2

# O Maré de Notícias também é seu!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410